



 <https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7781>

UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS DE COESÃO E DA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DA MULHER NEGRA NO CONTO “MAIS ILUMINADA QUE AS OUTRAS”, DE JARID ARRAES

AN ANALYSIS OF THE ELEMENTS OF COHESION AND THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITIES OF BLACK WOMAN IN THE SHORT STORY "MAIS ILUMINADA QUE AS OUTRAS" BY JARID ARRAES

Beatriz Pinheiro Lucena¹

<https://orcid.org/0009-0006-8368-2677>

Fabíola Oliveira Sousa²

<https://orcid.org/0009-0003-1528-9759>

Verônica Palmira Salme de Aragão³

<https://orcid.org/0000-0003-2250-8051>

RESUMO: O conto *Mais iluminada que as outras*, de Jarid Arraes (2019), protagonizado por uma mulher negra, propõe reflexões sobre o racismo estrutural e as formas de dominação herdadas do processo de colonização no Brasil. Por meio de recursos expressivos, a autora constrói uma personagem marcada pelas opressões de gênero e raça, cuja configuração simbólica a transforma em símbolo de resistência e denúncia. Este artigo tem como objetivo geral analisar o conto com base nos processos de coesão, considerando a perspectiva étnico-racial. São objetivos específicos: 1) identificar as formas remissivas gramaticais presas e livres no conto *Mais iluminada que as outras*; 2) examinar como as formas remissivas gramaticais contribuem para construção discursiva da identidade da protagonista; e 3) averiguar a representatividade da mulher negra no conto. O referencial teórico

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Mossoró. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7291486492488714>. E-mail: beatrizpinheiro021@gmail.com

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Mossoró. Professora da Educação Básica no Município de Russas/CE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2538660635254173>. E-mail: fabiolamalfra@gmail.com

³ Mestra em Língua portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (2006) e doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). É professora adjunta IV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e, atualmente, coordena o Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da UERN, além de integrar o PROFLETRAS da mesma Universidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9361633594985944>. E-mail: veronicasalme@uern.br

ancora-se nos estudos de Koch (2010) e Cavalcante (2012), no campo da Linguística Textual, bem como nas contribuições de Gonzalez (2011), Kilomba (2019) e Ribeiro (2005), que abordam a construção social da identidade racial e de gênero. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, centrada na análise interpretativa da linguagem. Os resultados revelam que a protagonista simboliza a condição histórica de apagamento das mulheres negras, ao mesmo tempo em que transforma o corpo e a palavra em ferramentas de resistência e afirmação. A frequência e o encadeamento de determinadas formas linguísticas reiteram a visibilidade e a urgência de escuta dessas vozes. O conto de Jarid Arraes, assim, se consolida como um texto literário de forte denúncia social e de construção identitária.

Palavras-chave: identidade; mulher negra; representatividade; coesão textual.

ABSTRACT: The short story *Mais iluminada que as outras* (Brighter than the Others), by Jarid Arraes (2019), features a Black female protagonist and offers critical reflections on structural racism and the forms of domination inherited from Brazil’s colonial past. Through expressive linguistic strategies, the author constructs a character marked by gendered and racial oppression, whose symbolic configuration transforms her into an emblem of resistance and denunciation. This article aims to analyze the short story based on cohesion mechanisms, considering an ethno-racial perspective. The specific objectives are: (1) To identify the bound and free grammatical referential forms in the short story *Mais iluminada que as outras*; (2) To analyze how these referential forms contribute to the discursive construction of the protagonist’s identity; and (3) To investigate the representation of Black women in the short story. The theoretical framework is grounded in Text Linguistics, drawing on the works of Koch (2010) and Cavalcante (2012), as well as the contributions of Gonzalez (2011), Kilomba (2019), and Ribeiro (2005), who address the social construction of racial and gender identity. This is a qualitative and descriptive study, based on an interpretative analysis of language. The findings reveal that the protagonist symbolizes the historical erasure of Black women while simultaneously transforming her body and voice into tools of resistance and affirmation. The recurrence and sequencing of specific linguistic forms reinforce the visibility and the urgency of listening to these voices. Arraes’s short story thus emerges as a literary text of powerful social critique and identity construction.

Keywords: identity; Black woman; representation; textual cohesion.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura tem se consolidado como um espaço privilegiado para tensionar discursos hegemônicos e promover narrativas contra-hegemônicas que confrontam silenciamentos históricos. No contexto brasileiro, a produção literária contemporânea protagonizada por mulheres negras vem ganhando destaque por sua capacidade de articular memória, identidade e resistência. Ao inscrever suas vozes em textos marcados por experiências corporais, ancestrais e sociais, essas autoras não apenas denunciam processos de opressão, mas também afirmam novos modos de existência e de representação simbólica.

O conto *Mais iluminada que as outras*, de Jarid Arraes (2019), insere-se na literatura contemporânea de cunho antirracista. Configura-se como um ato de resistência, na medida em que o corpo da mulher negra deixa de ser objeto de controle e passa a ser *locus* de denúncia, reconstrução e reapropriação, como bem ressalta (Kilomba, 2019, p. 68): “A margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos”. Dessa forma, a escolha do *corpus* justifica-se pelo protagonismo de uma voz feminina negra que se afirma por meio da linguagem, do corpo e da ancestralidade, configurando-se como sujeito político e histórico.

O conto de Jarid Arraes mobiliza recursos textuais que não apenas estruturam a narrativa, mas também produzem efeitos de sentido relacionados à subjetividade e à crítica social. Entre esses recursos, destacam-se os elementos de coesão textual, especialmente os mecanismos referenciais, que, além de promoverem a progressão textual, funcionam como operadores discursivos de pertencimento, resistência e denúncia. A coesão, nesse contexto, ultrapassa sua função estrutural e se articula a processos identitários e ideológicos. Analisar as estratégias linguísticas por meio das quais essas vozes se constroem, se insurgem e se legitimam constitui um gesto ético de resgate simbólico e político. Essa abordagem contribui também para a aplicação da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, “que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) para tornar obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares da educação básica, tanto em escolas públicas quanto privadas” (Brasil, 2008).

Este trabalho busca compreender como os elementos de coesão textual contribuem para a construção identitária e simbólica da protagonista negra no conto *Mais iluminada que as outras*. Temos como objetivo geral analisar o conto com base nos processos de coesão, considerando a perspectiva étnico-racial. São objetivos específicos: 1) identificar as formas remissivas gramaticais presas e livres no conto *Mais iluminada que as outras*; 2) examinar como as formas remissivas gramaticais contribuem para construção discursiva da identidade da protagonista; e 3) averiguar a representatividade da mulher negra no conto.

A investigação insere-se em uma abordagem qualitativa e descritiva, fundamentando-se nos estudos da Linguística Textual, com base em Koch (2010) e Cavalcante (2022), e nas concepções de raça e gênero fundamentadas por Ribeiro (2017), Gonzalez (2011) e Kilomba (2019). O artigo está organizado em seis seções: 2. A coesão textual: mecanismos referenciais; 3. Raça e gênero: a construção da personagem; 4. Metodologia; 5. Análise dos dados; 6. Considerações finais e referências.

2 A COESÃO TEXTUAL: MECANISMOS REFERENCIAIS

A presente investigação ancora-se nos estudos da Linguística Textual, especialmente no que tange à coesão textual, para compreender a constituição discursiva da identidade da mulher negra no conto *Mais Iluminada que as outras*. Essa ferramenta é compreendida como o conjunto de mecanismos linguísticos responsáveis por garantir a continuidade e a conectividade entre os elementos do texto. De acordo com Koch (2010), a coesão textual manifesta-se por meio de recursos referenciais e sequenciais que asseguram tanto a progressão temática

quanto a manutenção das relações lógico-discursivas. Esses mecanismos não operam isoladamente: ao contrário, estão imbricados nos efeitos de sentido produzidos em cada contexto comunicativo, sendo, portanto, inseparáveis dos objetivos enunciativos e da intencionalidade discursiva.

Entre os recursos coesivos, selecionamos para este estudo as “formas referenciais” ou coesão referencial. A coesão referencial refere-se a um componente da superfície do texto que “faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual” (Koch, 2010, p.23). Assim, as formas referenciais podem ser representadas por pronomes, determinantes e expressões nominais que retomam ou antecipam elementos do texto.

As formas remissivas gramaticais podem ser presas ou livres. As “formas presas” são as “que vêm relacionadas a um nome com o qual concordam em gênero e/ou número, antecedendo-o e ao(s) possível(is) modificador(es) do nome dentro do grupo nominal” (Koch, 2013, p. 26). Portanto, são formas que pertencem ao paradigma dos determinantes. Já as “formas livres”, opondo-se às presas, como o próprio nome revela, “são aquelas que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas que podem ser utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual” (Koch, 2013, p. 28). Tais expressões, por vezes ambíguas, são interpretadas a partir do contexto e da progressão do discurso, contribuindo para a fluidez do texto e para a construção discursiva dos referentes.

Como argumenta Cavalcante (2022), os processos de referenciação não se reduzem a uma substituição de formas ou expressões referenciais, porque os referentes são objetos do discurso. Associando-se em redes, os referentes se mantêm (ou têm continuidade no texto), mas também tendem a se transformar ou a progredir, adquirindo novos contornos de sentido em conformidade com o gênero, com as posições enunciativas do locutor, com os propósitos argumentativos e retóricos, dentre outros motivos. Desse modo, consideramos, além de uma preocupação centrada unicamente na coesão referencial, a visão sobre a construção discursiva e contextualizada do referente.

No tópico seguinte, abordaremos epistemologias étnico-raciais e de gênero essenciais para a compreensão dos sentidos expressos pelas formas referenciais, tendo em vista a dimensão racial do *corpus*. Consideramos que a interpretação dos discursos depende tanto da materialidade linguística quanto da imaterialidade dos signos, relacionada aos saberes simbólicos e históricos que os constituem. Esses aspectos serão retomados na seção 5, dedicada à análise do conto *Mais iluminada que as outras*.

3 RAÇA E GÊNERO: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

A obra de Jarid Arraes inscreve-se na literatura afro-brasileira de escrita negra feminina que reivindica o corpo, a voz e a ancestralidade como resgate e afirmação da história e cultura africanas e afro-brasileiras. Para Grada Kilomba (2019), escrever é um ato de resistência que rompe com o silêncio imposto pelo patriarcado racista. A escrita da mulher negra emerge como um gesto de afirmação identitária e de insurgência contra os mecanismos históricos de apagamento. Nesse sentido, a linguagem não é apenas um instrumento de expressão, mas um campo de disputa simbólica em que se travam embates por visibilidade, legitimidade e poder.

Nesse âmbito, discutimos o processo de apagamento e de contradição que atravessam a experiência da mulher negra. O apagamento refere-se à ausência de representatividade e da voz das mulheres negras nos diversos campos de atuação social. A contradição, por sua vez, emerge da condição liminar em que essa mulher se encontra: entre lutas raciais protagonizadas por homens negros e reivindicações feministas centradas na mulher branca. A narradora do conto retrata essa cisão ao evidenciar a invisibilidade da mulher negra nos registros da abolição da escravatura. Kilomba (2019) explica que as formas de opressão não ocorrem isoladas, elas se entrecruzam. O impacto simultâneo da opressão racial e de gênero leva a formas de racismo únicas, que constituem experiências específicas de mulheres negras e racializadas. No conto, a protagonista constrói sua trajetória por meio de uma linguagem marcada por metáforas⁴ corporais, rupturas sintáticas e fluxos de consciência que demonstram a interseccionalidade⁵ entre raça, gênero e classe. A coesão textual, nesse contexto, não apenas organiza o texto, mas também traduz uma subjetividade que se afirma contra o apagamento.

Djamila Ribeiro (2017) contribui com a noção de “lugar de fala” como um espaço político-discursivo. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (Ribeiro, 2017, p. 37). O discurso da narradora de *Mais iluminada que as outras* parte do lugar de marginalidade para inscrever sua dor e sua resistência, transformando sua corporalidade e sua memória em ferramentas discursivas/literárias de enfrentamento.

Gonzalez (2011), por sua vez, reforça que, para além da articulação entre raça, gênero, classe e território, a mulher negra é definida/classificada por um sistema ideológico de dominação que a infantiliza. “[...] Nos nega o direito de ser sujeitos não só do nosso próprio discurso, senão da nossa própria história” (Gonzalez, 2011, p. 14). No conto, a narradora também reflete sobre a personificação pejorativa acerca das pessoas negras, por meio de formas remissivas que retomam referentes corporais (Este corpo é um corpo faminto, dentado, cruel, capaz e violento) e territorial (essa terra foi mais iluminada do que as outras). À medida em que se apagam os registros históricos construídos pelas pessoas negras, os brancos criam outras histórias, sendo estas construídas com base em interesses pessoais que infantilizam, personificam e fabulam os povos marginalizados e engrandecem a si mesmos.

A fundamentação teórica que sustenta este trabalho, portanto, articula os estudos linguísticos da coesão textual com as críticas feministas negras que discutem a constituição identitária das mulheres negras. Essa articulação é indispensável para compreender como os mecanismos coesivos operam na narrativa como estratégias discursivas que conferem visibilidade, agência e resistência a uma protagonista

⁴ Márcia Cançado (2008) apresenta a metáfora como um processo cognitivo estruturado pela projeção de um domínio fonte, geralmente concreto, sobre um domínio alvo, geralmente abstrato. Essa projeção ocorre com base em traços compartilhados que permitem a construção de um esquema de imagem, ou seja, uma representação mental que organiza o sentido do enunciado.

⁵ “O conceito “interseccionalidade” foi cunhado por Kimberlé Crenshaw que o define como: “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (Crenshaw, 2002, p.177).

marcada pelas interseccionalidades da opressão. Na seção seguinte, descrevemos os métodos utilizados para a análise e interpretação dos discursos presentes na narrativa de Arraes, em *Mais iluminada que as outras*.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritivo-analítica, ancorada na análise textual de base linguística e antirracista. Parte-se do princípio de que o texto literário, ao mesmo tempo em que configura uma estrutura linguística, constitui também uma prática discursiva atravessada por dimensões históricas, sociais e ideológicas. Nesse sentido, a análise visa compreender como os mecanismos de coesão textual referencial contribuem para a construção discursiva da identidade da personagem negra na narrativa de Jarid Arraes.

A análise foi conduzida a partir da identificação, categorização e interpretação dos elementos de coesão textual presentes no conto. Inicialmente, foram mapeadas as formas remissivas gramaticais presas e livres, com base na proposta de Koch (2010), distinguindo aquelas que retomam partes do corpo, sujeitos da narrativa ou conceitos simbólicos relevantes.

Para fins de sistematização, as formas coesivas foram organizadas em quadros com seus referentes e respectivas frequências, cuja observação resultou na construção dos efeitos de sentido produzidos pelas escolhas linguísticas da autora. Dessa forma, nossa pesquisa se enquadra no método explicativo: “o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52).

A análise considerou também o contexto enunciativo e os efeitos pragmáticos desses mecanismos, especialmente no que diz respeito à construção da voz narrativa como instância de resistência simbólica. “A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Portanto, ao buscar interpretar e não apenas quantificar os elementos de coesão no *corpus*, o estudo se configura como qualitativo.

Portanto, a metodologia adotada busca articular a análise linguística e enunciativa à leitura crítica da narrativa, respeitando a especificidade estética da obra literária e reconhecendo sua potência como instrumento de denúncia, memória e insurgência.

5 ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* da pesquisa é o conto *Mais iluminada que as outras*, publicado em 2019, na coletânea *Redemoinho em dia quente*. A análise do conto evidencia como os mecanismos linguísticos de coesão textual participam ativamente da construção discursiva da identidade da protagonista. A seguir, serão exploradas duas dimensões interligadas: a “coesão referencial” (formas presas e livres) e “os efeitos identitários da linguagem”. Tais elementos não apenas estruturam a progressão do texto, mas também performam resistência, subjetivação e denúncia.

Esse tópico está organizado em: texto de análise (quadro 1), em que são destacados, no próprio *corpus*, os mecanismos de coesão referencial das formas presas com destaque na **cor amarela**, e das livres na **cor azul**. Posteriormente,

seguem as análises organizadas em quadros (2 e 3), cuja descrição apresenta a nomenclatura gramatical de cada forma, a própria forma, seu referente e frequência. Por fim, procedemos à análise da construção identitária da personagem negra por meio da investigação das estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pela autora.

Quadro 1 - Texto de análise

1	Tenho dois seios, estas duas coxas, duas mãos que me são muito úteis, olhos escuros,
2	estas duas sobrancelhas que preencho com maquiagem comprada por dezenove e noventa e
3	orelhas que não aceitam bijuterias. Este corpo é um corpo faminto, dentado, cruel, capaz e
4	violento. Movo os braços e multidões correm desesperadas. Caminho no escuro com o rosto
5	para baixo, pois cada parte isolada de mim tem sua própria vida e não quero domá-las. Animal
6	da caatinga. Forte demais. Engolidora de espadas e espinhos.
7	Dizem e eu ouvi, mas depois também li, que o estado do Ceará aboliu a escravidão
8	quatro anos antes do restante do país. Todos aqueles corpos que eram trazidos com seus dedos
9	contados, seus calcanhares prontos e seus umbigos em fogo, todos eles foram interrompidos
10	no porto. Um homem — dizem e eu ouvi e depois também li — liderou o levante. E todos esses
11	corpos foram buscar outros incômodos. Ø Foram ser incomodados.
12	Eu tenho estas nádegas, este nariz com dois buracos que ventilam meu sangue,
13	Ø tenho também unhas fortes que adorno com gel comprado por cento e cinquenta reais e duas
14	panturrilhas hipertrofiadas pelos exercícios constantes. Este corpo que eu tenho é um repetido
15	desagrado. Caminhar neste corpo, por essas ruas, é um infinito cansaço. Eu boto um pé atrás
16	do outro e milhares de seres dão pequenos pulos e correm com seus sapatinhos bobos.
17	Eu ouvi e li, porque me disseram, que essa terra foi mais iluminada do que as outras ,
18	já que os corpos navegados foram libertos quatro anos antes dos demais. No entanto, meus
19	ouvidos captaram superficialidades, nomes raspados, milhos restantes para galinhas
20	depenadas. Por bastante tempo contado em calendário, não consegui me lembrar do nome de
21	quem liderou o quê, de quem fez, deixou de fazer, onde ou quando e por que o Ceará ou o Cariri
22	tinham a ver com isso . Eu nunca levantei a mão durante uma aula e perguntei: professora, existiu
23	escravidão no Cariri? Quem foi dono de escravos no Cariri?
24	Mas meu queixo me serve, não é trêmulo, e minha língua conhece toda sorte de
25	habilidades. Meus joelhos são duros e cuidados com cremes que custam mais de cinquenta
26	reais. As minhas digitais. Elas são tecnologias selvagens que desbloqueiam mensagens,
27	segredos, ofensas, tratados, reconciliações, números que pagam. Eu não devo os líquidos do
28	meu corpo a ninguém. Quando vomito, tenho minhas razões. Mas sou bicho e, quando entro
29	num recinto, os mínimos besouros batem suas asas translúcidas em inconveniência.
30	Eu gostaria de perguntar agora, mas hoje estou longe de todos , mudei minha casa para
31	o mundo de chão rachado e convidei uma equipe de filmagem da televisão. Os jornalistas
32	chegarão amanhã e logo todos verão imagens de minha vaca morta e de meu mandacaru — é
33	nele que coço a consciência. Portanto, Ø sinto muito, mas não posso levantar a questão e pedir
34	uma lista histórica de famílias que enriqueceram com os corpos negros torturados. Não posso
35	usar minha aparência intimidadora, poderosa, minha altíssima figura e minhas belas garras
36	tingidas para mandar que tornem as informações acessíveis. Eu vou ficar aqui , deitada no meu
37	chão rachado. Meu corpo está entregue aos graus do que não enxerguei.
38	Aquece meu corpo, me queima os fatos, me exhibe monstruosa e com dentes
39	pontagudos. Esses dois seios à mercê da gravidade de quem sou. E um cabelo que, espero,
40	me faça sombra.

Fonte: adaptação do conto *Mais iluminada que as outras*, de Jarid Arraes.

5.1 Coesão Referencial: formas remissivas presas e livres

As formas remissivas gramaticais presas relacionam-se a um nome com o qual concordam em gênero e/ou número, antecedendo-o e ao(s) possível(is) modificador(es) do nome dentro do grupo nominal. Embora não sejam (a priori e sempre) artigos, exercem, nessas condições, a “função-artigo”, isto é, pertencem ao

paradigma dos determinantes. São elas: a) artigos definidos e indefinidos; b) pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, relativos); e c) numerais cardinais e ordinais.

A presença de formas remissivas revela o movimento do texto entre o corpo da protagonista, sua história e os sujeitos coletivos que compõem sua memória. No conto de Jarid Arraes, foram identificadas 20 ocorrências destacadas pela cor amarela (quadro 1), que estabelecem vínculos entre segmentos do texto e contribuem para a construção de sentidos. Vejamos as formas presas:

Quadro 2: Formas Remissivas Presas

	Formas Remissivas gramaticais presas	Referentes	Frequência
Pronome Demonstrativo	(L3) <u>Este</u> corpo (L8) Todos <u>aqueles</u> corpos (L11) todos <u>esses</u> corpos (L14) <u>Este</u> corpo (L15) <u>essas</u> ruas (L17) <u>essa</u> terra (L39) <u>esses</u> dois seios	conjunto das partes do corpo Escravidão (sujeitos escravizados) Todos aqueles corpos nádegas, nariz, unhas, panturrilhas o corpo (metaforicamente) o Ceará ou o Cariri meu corpo (parte do corpo)	7
Pronome Indefinido	(L5) <u>Cada</u> parte (L8) <u>Todos</u> aqueles corpo (L11) <u>todos</u> esses corpos	seios, coxas, mãos, olhos etc. Escravidão (sujeitos escravizados) Todos aqueles corpos	3
Pronomes possessivos	(L8) <u>seus</u> dedos, (L9) <u>seus</u> calcanhares, (L9) <u>seus</u> umbigos, (L29) <u>suas</u> asas (L37) <u>Meu</u> corpo (L37) <u>Meu</u> chão	Todos aqueles corpos Todos aqueles corpos Todos aqueles corpos os mínimos besouros Aparência, figura e garras O mundo de chão rachado	6
Numerais	(L39) <u>esses</u> dois seios	seios mencionados no início do texto	1
Artigo Definido	(L31) <u>os</u> jornalistas	uma equipe de filmagem	1
Artigo Indefinido	(L3) <u>um</u> corpo (39) <u>um</u> cabelo	partes do corpo meu corpo (parte do corpo)	2
Total			20

Fonte: produzida pelas autoras (2025).

Entre as formas remissivas gramaticais presas, destacam-se os pronomes demonstrativos, como em “este corpo” (L3 e L14), “essas ruas” (L15) e “aqueles corpos” (L8), que projetam o corpo da narradora e os corpos dos sujeitos escravizados como lugar de memória, identidade e resistência. Tais expressões não apenas mantêm a coesão referencial, como também inscrevem a experiência desses corpos negros em um espaço social historicamente negado às populações negras, especialmente às mulheres, cujos corpos foram objetificados e silenciados. A recorrência da forma “este corpo” reforça a centralidade do discurso da protagonista e constrói uma voz que se afirma como detentora de um corpo vivido, marcado pelo cansaço, desagrado e luta cotidiana. “Essas ruas” opera como metáfora de um território hostil que impõe um percurso árduo à protagonista. Nesse contexto, caminhar por “essas ruas”, com “este corpo”, torna-se um ato de resistência cotidiana.

Os pronomes possessivos destacados em “meu corpo”(L37), “meu chão”(L37) e “suas asas”(L29) atuam como índices de subjetivação e pertencimento. “Meu corpo” evidencia a apropriação simbólica de si, negando a desumanização histórica que marcou os corpos negros femininos. “Meu chão” sugere território identitário que resiste ao apagamento imposto pela colonização. Já “suas asas” desloca o foco do eu para o outro, referindo-se aos “mínimos besouros”, que reagem com incômodo à entrada da narradora em determinado espaço. No trecho “quando entro num recinto,

os mínimos besouros batem suas asas translúcidas em inconveniência". Esses insetos representam uma ordem social desconcertada diante da presença do corpo negro feminino.

A presença de artigos definidos e indefinidos evidencia o jogo entre o particular e o universal. A forma “os jornalistas” (L37), embora determinada, apresenta caráter impessoal, representando o olhar externo sobre o corpo racializado. Esse corpo será observado à distância, silenciado por uma instituição midiática que reforça estruturas de exclusão racial e social, como mostra o trecho: “Não posso usar minha aparência intimidadora, poderosa, minha altíssima figura e minhas belas garras tingidas para mandar que tornem as informações acessíveis”. Já os artigos indefinidos em “um corpo” (L3) e “um cabelo” (L39) introduzem imagens fragmentadas e genéricas da corporeidade da personagem. “Um corpo”, presente no início do conto, no trecho “Este corpo é um corpo faminto, dentado, cruel, capaz e violento”, não se ancora em uma descrição objetiva da protagonista, tampouco corresponde à forma como ela se vê essencialmente. Trata-se de uma estratégia discursiva crítica, na qual denuncia o olhar colonial e racista que a constitui socialmente, desestabilizando-o.

A forma “um cabelo” em “um cabelo que, espero, me faça sombra” encerra o conto com uma imagem que revela a ausência de acolhimento social e institucional à mulher negra. A palavra “espero” denuncia a incerteza de um amparo efetivo, apontando para uma existência marcada pela exclusão social. Nesse contexto, o cabelo, elemento identitário, historicamente alvo de discriminação, assume o papel de última proteção possível, oferecendo uma sombra mínima diante de uma sociedade que recusa abrigar, reconhecer ou legitimar o corpo negro feminino. O gesto de esperar pela sombra do próprio cabelo torna-se expressão de resistência: não há acolhimento externo, mas o corpo insiste em se proteger com o que lhe resta. Do mesmo modo, a imagem do “cabelo que, espero, me faça sombra” mobiliza outro traço marcante da estética negra, o cabelo volumoso, que deixa de ser sinal de estigmatização para tornar-se símbolo de proteção, orgulho e pertencimento. Assim, o uso do artigo indefinido não anula a identidade, mas amplia sua dimensão simbólica, transformando o corpo em território de ruptura e reexistência.

Por fim, o numeral “dois” em “esses dois seios” (L39) retoma “dois seios” (L1), criando um arco textual que inicia e encerra o conto. “Esses dois seios à mercê da gravidade de quem sou” desloca a imagem dos seios grandes, frequentemente erotizados ou animalizados na história da mulher negra, para o campo da naturalidade e da afirmação identitária. As formas remissivas que retomam partes do corpo ancoram-se na racialidade e no gênero feminino como dimensões indissociáveis da subjetividade da personagem. Ser mulher negra, nesse contexto, é carregar no corpo uma memória coletiva de resistência, mas também de dor, apagamento e superação. O efeito discursivo, portanto, não é o da exotização, mas o da restituição da dignidade e da igualdade. A linguagem coesiva assume função política ao conectar a experiência individual à memória histórica e ao posicionamento coletivo das mulheres negras.

Quanto às formas “remissivas livres”, no *corpus* em análise, observam-se 19 ocorrências. Como discutido anteriormente, correspondem a elementos que não acompanham diretamente um substantivo no grupo nominal, mas que desempenham função referencial no texto, operando retomadas anafóricas e/ou catafóricas. Essas estão destacadas no texto de análise (quadro 1) pela cor azul, vejamos:

Quadro 3 – Formas Livres

	Formas Remissivas gramaticais livres	Referentes	Frequência
Pronome Indefinido	(L9) <u>todos</u> eles (L30) longe de <u>todos</u> (L17) terra [...] do que <u>as outras</u>	Corpos que eram trazidos Pessoas que convivia Outros estados	3
Pronome Pessoal	(L9) <u>elas</u> (L26) <u>Elas</u> são tecnologias selvagens (L33) — é <u>nele</u>	Corpos que eram trazidos As minhas digitais Meu mandacaru	3
Pronome Demonstrativo	(L26) com <u>isso</u>	Abolição da escravatura	1
Pronome Relativo	(L01) <u>Que</u> (L03) <u>Que</u> (L12) <u>Que</u> (L13) <u>Que</u> (L25) <u>Que</u> (L26) <u>Que</u> (L27) <u>Que</u> (L34) <u>Que</u>	Mãos Orelhas Buracos Unhas fortes Cremes Tecnologias selvagens Números Famílias	8
Elipse	(L11) <u>o</u> Foram ser incomodados (L13) <u>o</u> tenho também unhas fortes (L33) <u>o</u> sinto muito	Todos esses corpos Eu Eu	3
Advérbio pronominal	(L43) Eu vou ficar <u>aqui</u>	No meu chão rachado.	1
Total			19

Fonte: produzida pelas autoras (2025).

Os pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos, utilizados pela narradora, funcionam como marcadores de identidade (escravizados e pessoas da sua convivência) e espaço (sertão cearense), conectando o passado histórico (escravidão) ao presente do corpo que narra. Produzem efeitos de sentido que articulam memória, resistência e pertencimento. O pronome indefinido “outras” (L17) retoma anaforicamente o referente “terra”(L17) que reporta ao Ceará em tom de ironia, o que pode ser observado na construção da narrativa. Embora seja o estado cujos registros apontam ser o primeiro a realizar a abolição, é importante refletir: como se deu esse registro? o que essa terra fez e faz para combater o racismo?

A articulação entre pronomes indefinidos e pessoal provoca um jogo de ideias. Ao mesmo tempo em são “todos”(L9), há uma restrição “eles”(L9), uma população cuja diferenciação se baseia no conceito de “corpo” como justificativa para o racismo. Desse modo, expressões como “todos aqueles” e “todos eles” remetem aos corpos dos povos africanos escravizados como um “grupo genérico”.

O pronome “nele”(L33), que tem como referente anafórico o mandacaru (planta típica da caatinga, adaptada às condições climáticas do semiárido), aproxima por meio da metáfora a consciência da narradora ao mandacaru, símbolo de resistência. Dessa forma, produz a ideia de que assim como o mandacaru se adapta às condições climáticas e ainda floresce, a narradora também se adapta às condições sociais e cria novos discursos. Trata-se de transformar a visão do lugar de marginalidade, como afirma Kilomba (2019).

Os pronomes relativos “que” (L1, 3, 12, 13, 25,26, 27 e 34) têm como referentes anafóricos “orelhas”, “buracos”, “unhas fortes”, “cremes”, “tecnologias selvagens”, “números” e “famílias”. Funcionam como conectores que ampliam o sentido dos referentes e encadeiam a progressão textual: “mãos que me são muito úteis / cremes que custam mais de cinquenta reais / tecnologias selvagens que

desbloqueiam mensagens, segredos, ofensas, tratados, reconciliações, números que pagam”. No conto, auxiliam na descrição das partes do corpo da personagem, que revelam práticas de cuidados corporais regidas por normas de beleza construídas socialmente e ligadas ao capitalismo. Também evidenciam o contraste entre a modernização (tecnologias) x manutenção do pensamento colonial (selvagens), ligadas às digitais da personagem. Ao mesmo tempo que suas digitais são “tecnologias” são “selvagens”, o que perpetua a animalização dos corpos negros, denunciada por Kilomba (2019).

Já a elipse, identificada em “Ø foram ser incomodados” (L11), “Ø tenho também unhas fortes” (L13) e “Ø sinto muito” (L33), marca a omissão de sujeitos já recuperáveis pelo contexto (“eles” e “eu”), reforçando a voz predominante da narradora em oposição ao outro.

Por sua vez, o pronome adverbial “aqui” (L43) tem como referente o chão rachado onde a narradora afirma sua presença em um espaço marcado pelo território seco. Esse ambiente se torna político ao ser ocupado por um corpo que rompe o silêncio e transforma a marginalização em lugar de resistência.

Portanto, os elementos selecionados pela narradora revelam a tensão entre um passado silenciado e uma presença que reivindica consciência racial. Estes, como afirma Koch (2013), fornecem ao leitor/ouvinte instruções de conexão a respeito do elemento de referência com o qual a conexão deve ser estabelecida. Desse modo, as formas presas e livres são utilizadas para o encadeamento e progressão de ideias.

5.2 A construção identitária da mulher negra pela linguagem

A linguagem do conto não apenas representa a personagem: ela a constitui. A protagonista se enuncia como sujeito político ao descrever seu corpo com imagens que evocam força, dor e resistência (“animal da caatinga”, “engolidora de espadas”, “meu corpo faminto, dentado, violento”). O uso da metáfora, como recurso linguístico, transforma o corpo em *locus* de historicidade e insurgência.

Em “animal da Caatinga”, o domínio fonte (animal adaptado ao clima árido) projeta sobre o domínio alvo (a pessoa mencionada) características como resistência, sobrevivência e força diante da escassez. Nesse caso, a construção imagética ativa uma cena de resistência no semiárido, aplicando-a à condição humana da mulher negra e nordestina. Como afirma a autora, “é a partir do domínio-fonte que se constrói um esquema de imagem que se aplica ao domínio-alvo” (Cançado, 2008, p. 89). Desse modo, a metáfora é uma forma de categorizar e compreender experiências, e não apenas uma figura estética.

A identidade construída no texto é atravessada pela memória da escravidão, pelo silenciamento histórico e pela recusa em ocupar o lugar de submissão. O corpo da narradora-protagonista, ao mesmo tempo em que carrega marcas da violência, torna-se espaço de afirmação e enfrentamento. Jarid Arraes, assim como autoras como Lélia Gonzalez (2011) e Grada Kilomba (2019), mobiliza a linguagem como ferramenta de posicionamento identitário, permitindo à protagonista reinscrever-se na narrativa com voz, agência e historicidade. Nesse processo, a escrita deixa de ser apenas representação e passa a operar como forma de existir, resistir e nomear-se no mundo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram alcançar o objetivo geral da pesquisa: analisar o conto *Mais iluminada que as outras*, de Jarid Arraes, com base nos processos de coesão, considerando a perspectiva étnico-racial. A investigação demonstrou que os recursos coesivos presentes no texto operam não apenas como mecanismos de encadeamento textual, mas como estratégias de construção simbólica e identitária da protagonista.

A análise das formas remissivas gramaticais presas (pronomes demonstrativos, possessivos, indefinidos, artigos e numerais) revelou como a linguagem organiza o corpo da narradora como espaço de representatividade discursiva, dor e resistência. Já as formas livres (pronomes relativos, pessoais, elipses, demonstrativos e advérbios pronominais) reforçam a articulação entre o eu (narradora) e o coletivo (pessoas negras), entre o presente da narrativa e a memória histórica evocada. Tais formas produzem efeitos de sentido que tornam visíveis os traços de ancestralidade, opressão e reexistência.

Além dos aspectos coesivos, destaca-se o uso de metáforas, como “animal da caatinga” e “engolidora de espadas”, que intensificam a dimensão simbólica da linguagem e constroem a protagonista como sujeito político. A linguagem, nesse contexto, não apenas representa a experiência da mulher negra, mas a constitui. Ao descrever-se com imagens de força, dor e potência, a personagem reinscreve seu corpo no discurso como território de enfrentamento e agência.

A centralidade do corpo na narrativa evidencia um processo de reapropriação simbólica. Os determinantes que o descrevem ou o retomam não operam de forma neutra: inscrevem marcas de pertencimento, ancestralidade e crítica social. O uso do numeral “dois”, na expressão “esses dois seios”, por exemplo, rompe com leituras estigmatizantes do corpo negro feminino, reafirmando sua humanidade e completude. Já os artigos indefinidos, como “um corpo” ou “um cabelo”, introduzem imagens singulares que, ao final, conectam o corpo da narradora a uma experiência comum, compartilhada por outros corpos marcados pela história.

Dessa forma, conclui-se que os mecanismos de coesão textual analisados não apenas asseguram a unidade formal do texto, mas cumprem uma função discursiva e política, articulando memória, subjetividade e crítica social. O conto de Jarid Arraes torna-se, assim, um lugar de denúncia e de reconstrução identitária, em que os elementos de linguagem operam simultaneamente como estratégias discursivas e simbólicas. A protagonista emerge não como vítima silenciada, mas como sujeito que fala, recorda e resiste, e é justamente por meio da linguagem que sua existência se inscreve na literatura e na história.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. *Mais iluminada que as outras*. In: **Redemoinho em dia quente**. São Paulo: Alfaguara, 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Campinas (SP): Pontes editores, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala?. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**, n. 1, p. 12-20, 2011.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Tradução de Liane Schneider. Disponível em: [v10n1a11](#). Acesso em: 29 de jul. de 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Recebido: 05/09/2025

Aceito: 09/02/2026

Publicado: 01/04/2026

COMO CITAR:

LUCENA, Beatriz Pinheiro; SOUSA, Fabíola Oliveira; ARAGÃO, Verônica Palmira Salme de. Uma análise dos elementos de coesão e da construção das identidades da mulher negra no conto “Mais iluminada que as outras”, de Jarid Arraes. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 62–74, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7781. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7781>.